

CADÊ O BRASIL? A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NACIONAL EM JOSÉ DE ALENCAR E ANTÔNIO CALLADO

Abstract

A variety of images of journey can be followed throughout the novels of José de Alencar and Antônio Callado. Those images indicate a deep sense of errancy in what concerns the location of the Brazilian culture and the definition of a national soul. These authors' works are interpreted as different kinds of journey metaphors.

Palavras-chave: Memória nacional; brasilidade literária

Segundo Michel de Certeau (1994: 199), na Atenas contemporânea, os transportes coletivos se chamam *metaphorai*. Se você quiser se deslocar através da cidade, deverá fazê-lo a bordo de uma metáfora - um trem ou um ônibus. Seja no sentido de condução de corpos, ou no de transferência de significados entre unidades lingüísticas, o fato é que a metáfora permite várias formas de movimentação no espaço real e simbólico.

Com efeito, esse mesmo sentido de translação atravessa muitos romances empenhados na definição do que vem a ser a brasilidade tanto no plano geral do *ethos* nacional, quanto no âmbito da arte propriamente dita. Se tomarmos como ponto de partida (a primeira parada do ônibus) as obras de José de Alencar, produzidas na segunda metade do século XIX e saltarmos, um século depois, nas obras de Antônio Callado, poderemos vislumbrar que o caminho da nossa leitura esteve o tempo inteiro impregnado de uma metáfora recorrente: a viagem através do Brasil.

Em *Iracema*, temos um viajante conquistador e uma nativa famosa por suas andanças no sertão cearense; em *Quarup*, temos um padre que abandona o litoral e faz uma excursão ao centro geográfico brasileiro na região do Xingu; em *O Guarani*, somos convidados a uma viagem ao passado colonial guiados pelo herói Peri; em *Ubirajara*, recuamos ainda mais no tempo, para espiar as paisagens pré-cabralinas; em *A Expedição Montaigne*, acompanhamos as desventuras de um jornalista rebelde à cata de

índios para a retomada do território nacional; em *O Esqueleto na lagoa verde*, seguimos de perto as veredas que levam aos ossos do Coronel Fawcet, sumido em algum ponto do Mato Grosso, vítima de uma miragem.

Como e por que a *viagem* se torna um tema e um recurso metafórico-alegórico tão insistente à leitura dessas obras? Como pode ser compreendido esse “complexo viajheiro” que emana das narrativas?

A base de nossa argumentação é que o conjunto das obras de Alencar e alguns romances de Callado empreendem, sob vários ângulos, uma jornada de conhecimento e reconhecimento da nação - uma “viagem da razão”. Além de constituírem realização estética, as obras mostram-se instrumento de cognição, uma vez que pretendem conferir inteligibilidade à realidade brasileira. Esses textos ficcionais, à medida que *desrealizam* a matéria sócio-histórica da nação brasileira e *realizam* no corpo da narrativa os sonhos do criador e de sua época, ajudam a compor o que se chama de *Brasil* - uma memória coletivamente compartilhada. A memória brasileira é composta de muitas “viagens” reais e fictícias que, devidamente autorizadas no registro escrito, tiveram o privilégio de permanecer no repertório mnemônico do seu povo.

Uma longa expedição literária aos territórios nacionais - afinal, levada a cabo por toda a nossa tradição culta - permite que se construa continuamente a memória brasileira como um destino coletivo marcado pela incompletude, e muitas vezes, por uma desesperança de chegar a lugar nenhum. Os escritores e intelectuais comprometidos em explicar quem somos nós brasileiros e qual será o nosso futuro se valem das imagens dos longos percursos no solo nacional, das lembranças de viagens passadas e dos relatos de expedições alheias para tentar “localizar” a cultura brasileira, circunscrever seus limites diante de modos de vida forasteiros, marcar suas fronteiras espirituais face a outros povos.

O resultado dessa odisséia nacional é sempre um percurso no espaço e no tempo: os escritores buscam as origens da formação do país, volvendo ao seu passado histórico e esquadrinham as diferentes regiões do solo nacional, mapeando a sua topografia,

pelo Xingu. A expedição que devia ir por terra a esse Centro foi adiada indefinidamente, como tudo no Brasil. Por falta de pessoal, dinheiro, sei lá. Isto por exemplo eu gostava de fazer. Assinalar na terra o lugar do coração do país. E trazer terra do Centro para cá, para o Sindicato de Palmares, por exemplo. Para fincar a bandeira diante do Sindicato” (Quarup, 1969: 23)

As metáforas de travessia reaparecem nos textos da cultura brasileira, por encarnarem a busca incessante pelo verdadeiro lugar onde se encontra a nação. Essa procura - do litoral para o sertão, da cidade para o campo, da civilização para a natureza, da cultura colonizada para a cultura autêntica, do presente para as suas ruínas - não parece ter fim: Onde estará de fato a alma brasileira?

A resposta a essa questão exige uma demarcação teórica apropriada. Ao nosso ver, a nação é principalmente o resultado de discursos que se enfrentam e que negociam imagens auto-definidoras face a narrativas oponentes. As nações são narrativas construídas em espaços de interação, quase sempre agonísticos, entre instâncias culturais contraditórias. As nações, portanto, não são tradições homogêneas e historicamente contínuas, como aparentam ser em seus textos “genealógicos”. Como mostra Homi Bhabha (1994), perguntas como “Onde reside a cultura de um povo?” e “Qual é a tradição autêntica?” tornam-se sem sentido, porque revelam uma leitura essencialista da realidade nacional.

O problema desaparece se considerarmos a nação uma realidade imaginada, isto é, um artefato cultural, que tem uma gênese histórica, passível de ser rastreada. As nações, são portanto, uma comunidade política imaginada, resultado da partilha comum de lembranças e de esquecimentos, de dores e alegrias, enfim, produto da seleção, recorte e organização de imagens.

Cada momento histórico imagina a nação mediante um estilo próprio. O Brasil do romantismo literário é aquele plasmado por uma consciência política singular, a da formação de um país independente que se afirmava em termos simbólicos como um Império tropical, simultaneamente ancorado na herança européia e nas tradições indígenas arcaicas. A literatura do período, e também a iconografia, revelam o trabalho de moldagem de uma civilização exótica, que buscava equiparar sua linhagem nativa à cultura do colonizador, tida como superior. (Schwarcz, 1999)

O Brasil imaginado da década de 60 e 70 do século XX leva, por outro lado, um selo totalmente distinto. O escritor empenhado entende que o triste panorama nacional (reprodução acelerada da divisão de classes, vitória das multinacionais, governo autoritário, repressão política) é produto da subordinação ao imperialismo das nações centrais. Somente projetos de cunho nacional-popular, que efetivassem mudanças reais nas relações sociais de produção, poderiam mostrar a verdadeira cara do Brasil. Rejei-

ta-se a “revolução burguesa”, para almejar a “consciência nacional” e a “cultura brasileira”. O intelectual procura nesse momento o povo. A dominação econômica e política em todos os níveis é trazida ao plano da arena simbólica. Na reflexão estética, busca-se mais que nunca uma arte de resistência explícita - a arte engajada. As lições antropofágicas do modernismo são dispostas a serviço de uma literatura socialmente útil. A ficção traça, então, outro perfil à nação: não há espírito conciliatório, mas de antagonismo; louva-se menos, denuncia-se mais; perde-se o tom idealista para ganhar um travo realista e combativo.

Sintomático dessa transformação dos retratos é o deslocamento semântico que sofre a palavra “América”. Em Alencar, o Brasil é a América: a natureza majestosa, a fauna pujante, as florestas magníficas, seu relevo extraordinário. “Americano” é o índio heróico e cavaleiro, dono de uma cultura tão digna e nobre quanto à do conquistador. Para Antônio Callado, como para os intelectuais de esquerda dos anos da ditadura militar, a América é o vilão a quem o Brasil se opõe, é o contendor que fere os interesses e sonhos nacionais, o dominador que impõe sua vontade implacável. A América, pois, encarna a política imperialista dos Estados Unidos, berço de nossas misérias.

Diante de retratos nacionais mutantes, responsáveis por transferências significativas de imagens e significados, vemos que a metáfora da viagem parece cair bem como fio condutor na estruturação dos romances e também como recurso analítico para a sua interpretação.

Inventar uma nação, ao mesmo tempo que envolve o percurso coletivo, macro-histórico, também depende dos rumos que o escritor toma dentro de seu próprio campo intelectual e artístico. A “viagem do escritor”, isto é, o trajeto do autor no meio literário, o lugar subordinado ou dominante por ele ocupado no seu interior e as lutas pela consagração, imprimem feições singulares ao retrato do país que se forja em determinado momento da vida nacional e da vida do retratista. O Brasil imaginado também resulta de fatos minúsculos e não apenas dos grandes episódios políticos que incidem maciçamente sobre o corpo social. O Brasil é resultado de uma vontade de escrever, de hesitações e decepções pessoais, de polêmicas, da ausência ou obtenção de reconhecimento, de incursões em fronteiras extra-literárias, articulações com outros campos do saber e do fazer.

Nesse sentido, podemos entender que, para além de uma determinação por filiação à escola romântica ou por determinação de um momento político, o Brasil de Alencar corresponde à magnitude da tarefa de fundação da literatura nacional que o romancista assumiu praticamente desde a sua estréia nos folhetins. Refletiu conscientemente sobre os caminhos que as letras brasileiras deveriam tomar; criticou o tom arcaizante que se explorava até então, forneceu pistas para o aproveitamento estético da matéria “americana” e, finalmente, se apresentou

como o guia preparado para tão ousado programa. Muitas vezes teve medo de fracassar; temia que suas obras fossem mal interpretadas, cerceou a liberdade de seus leitores em notas e prólogos prescritivos; desanimava-se com os silêncios da crítica, insurgia-se contra juízos desfavoráveis, oscilava entre dedicar-se às prestigiosas, mas desencantadas atividades políticas e à literatura, trabalho de menor valor entre as elites do império, mas que lhe dava enorme prazer pessoal. Espírito combativo, teimoso, altivo quase ao ponto da imprudência, Alencar certamente projetou muito de sua própria personalidade aos seus cenários, personagens e enredos brasileiros.

Quanto às obras de Antônio Callado (e aqui incluo também *Sempreviva, Bar Don Juan, Reflexos do Baile*), parecem revelar os caminhos de afirmação do escritor no interior do campo literário do seu tempo e a busca de um estilo próprio, plasmado a partir da dupla ocupação de jornalista e de escritor profissional. A necessidade de narrar a história brasileira recente se define mais firmemente a cada obra. Os temas preferenciais são delimitados: os destinos do país, os camponeses, índios, negros, revolucionários, as mulheres. Em 1959, vai a Pernambuco fazer uma reportagem sobre as Ligas Camponesas; em 1963, vai conferir a revolução pacífica promovida pelo governador Miguel Arraes; em 1968, insiste em ir ao Vietnã, como correspondente, para reportar a guerra a partir da versão de Hanói, e não dos Estados-Unidos, como toda a imprensa brasileira. Cada viagem dá lugar a um fragmento da nação, que leva a sua assinatura apaixonada. Callado realiza passo a passo a vontade consciente de contar o que os jornais censurados não contam e de estabelecer o leitor num observatório privilegiado para que possa ver e julgar melhor o país.

Silviano Santiago (1997) desvendou em Callado um espírito renascentista que dá o tom empenhado de sua escritura, ao destacar fatos cotidianos dotando-os de relevância ética. Os seus romances e crônicas mapeiam a cultura política nacional, dispondo em perspectiva aquilo que o autor seleciona da vida brasileira. Seu olhar organiza a leitura desses vestígios do dia, articula fatos, compara e contrasta. Nesse processo, o autor é capaz de fixar o leitor num ponto ideal, “de onde poderá fazer um julgamento moral sobre os materiais universais do cotidiano que tanto nos oprimem e deprimem”. O compromisso ideológico não o aprisiona em camisas de força, nem afeta a elegância de sua escrita: era um “gentleman engajado”, um “doce radical”. Como ele mesmo dizia: “Não há motivo nenhum para que mesmo as tragédias não sejam vividas com bons modos” (citado por Ana Arruda, 1997).

Se defendia uma literatura comprometida, repudiava a idéia de uma arte obrigada, atrelada a um dogma. Tinha consciência da tradição clássica ocidental tanto quanto da sua própria linhagem modernista. Podia dialogar com os escritores que o antecederam não somente no nível nacional, mas também com toda a cultura universal. O Brasil de um cavaleiro empenhado haveria de fundir ética e estética. Callado fala de revolução sem se tornar um panfletário, sem deixar de fazer literatura.

Que se pode dizer dos mapas que desenham as travessias de Alencar e Callado? Para além de um perfil continental do hemisfério austral, inerte nas páginas de sua cartografia, o Brasil é movimento, um constante vaguear entre lugares textuais, espaços da memória e da imaginação, paragens lidas e escritas, sendas da vida e da arte.

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, José de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958.
- ANDERSON, Benedict. *Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism*. London/New York: Verso, 1998.
- ARRUDA, Ana. “As paixões sinceras de Callado”. *Folha de São Paulo*. 30 de novembro de 1997.
- BHABHA, Homi. *The location of culture*. London/new York: Routledge, 1994.
- CALLADO, Antônio. *Quarup*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.
- _____. *A Expedição Montaigne*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- _____. *Vietnã do Norte: Avertência aos agressores/Esqueleto na lagoa Verde*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- LEITE, Lúcia Chiappini Moraes. “Quando a pátria viaja: uma leitura dos romances de Antônio Callado”. In ZILIO, Carlos et al (Org.) *O nacional e o popular na cultura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MAGALHÃES Jr., Raimundo. *José de Alencar e sua época*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- SANTIAGO, Silviano. “O universo renascentista de Antônio Callado.” *Folha de São Paulo*, Caderno Mais!, 29 de junho 1997.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.